

## A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO PERFIL DAS ENTREVISTADAS E A IDENTIDADE FEMININA NAS “PÁGINAS AMARELAS DA REVISTA VEJA”

**Cristia Rodrigues MIRANDA**

*Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG*

**Resumo:** O trabalho tem como objetivo analisar a construção identitária do perfil das entrevistadas nas “páginas amarelas da Revista Veja”. O trabalho parte da hipótese de que esta construção é feita discursivamente. Como viés de análise da construção identitária, analisamos o modo de organização discursivo dos textos introdutórios que, de acordo com nossa investigação, se dá, predominantemente, pelo modo de organização descritivo, segundo as categorias de organização do discurso proposto por Charaudeau (1992). Para os conceitos de identidade, nos apropriamos dos preceitos de Hall (2005). Como resultado de pesquisa, a análise da apresentação das entrevistadas, nesses textos, promove uma forma descontínua na reprodução de identidades, ressaltando uma conjugação entre o “velho e o novo”. Pudemos constatar que há imbricação entre valores tradicionais aliados a novos e velhos padrões de conduta.

**Palavras-chave:** Representação; Identidades; Modos de organização; Discurso; Descritivo

## THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF THE INTERVIEWED WOMEN’S PROFILE AND THEIR FEMALE IDENTITY FROM "PÁGINAS AMARELAS DA REVISTA VEJA"

**Abstract:** The paper aims to examine the identity construction of the profile of the interviewees in the "yellow pages of Veja Magazine". The study starts from the hypothesis that this construction is done discursively. As analysis of identity construction bias, we analyzed the mode of discursive organization of introductory texts that, according to our investigation, occurs predominantly by way of descriptive organization, according to type of organization proposed by Charaudeau (1992) discourse. To the concepts of identity, we appropriate the precepts of Hall (2005). As a result of the research analysis of the presentation of the interviewees, these texts promote a discontinuous manner in the reproduction of identities, emphasizing a combination between "old and new". We observed that there is an overlap between traditional values combined with new and old standards of conduct.

**Keywords:** Representation. Identities. Modes of Organization. Discourse. Description.

## LA CONSTRUCCION DISCURSIVA DEL PERFIL DE LAS ENTREVISTADAS Y LA IDENTIDAD FEMENINA EN LAS “PÁGINAS AMARILLAS DE LA REVISTA ‘VEJA’ ”

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo analizar la construcción de la identidad y el perfil de las entrevistadas en las "Páginas Amarillas" de la Revista "Veja". El trabajo parte de la hipótesis de que esta construcción se hace discursivamente. Para comprobarlo se analizó la organización discursiva de los textos introductorios que, de acuerdo con esta investigación se hace, predominantemente, de manera descriptiva, según las categorías presentadas por Charaudeau (1992). Para conceptualizar la identidad nos apropiamos de los preceptos de Hall (2005). Como resultado de la investigación se encontró que el análisis de la presentación de los entrevistados, en esos textos, promueve una manera discontinua en la reproducción de las identidades, haciendo hincapié en una combinación entre el "viejo y el nuevo". Hemos observado que existe una superposición entre los aliados tradicionales viejos y nuevos estándares de valores conducta.

**Palabras clave:** Representación; Identidades; Modos de Organización; Discurso; Descripción

### INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar a construção do perfil dos entrevistados, nas “páginas amarelas da *Revista Veja*”, segundo o modo de organização descritivo, apresentado por Charaudeau (1992), em *Les modes d’organisation du discours de forma a investigar como a descrição* constrói determinadas identidades sociais discursivamente. Conforme pressupomos, os textos que introduzem os entrevistados, nas “páginas amarelas da *Revista Veja*”, apresentam, como peculiaridade, uma composição macro-discursiva, textual e linguística que combinam aspectos argumentativos, narrativos. Perfilamos que tal modo discursivo constrói e reproduz determinadas identidades, através de uma organização macro-discursiva e também textual, ora predominantemente descritiva, ora uma estrutura que combina o narrativo e o descritivo, mas com orientação argumentativa na sua composição textual.

Entendemos que os textos introdutórios dessas “páginas amarelas” têm uma importância relevante, ao representar o ser, ou os entrevistados, de forma eminentemente descritiva. Propomo-nos uma análise capaz de observar a constituição de três perfis, em três textos de apresentação, pelo viés do modo de organização descritivo, que se define, em Charaudeau (1992), enquanto atividade discursiva, em *Les modes d’Organisation du Discours*.

Proporemos uma análise que incidirá sobre um *corpus*, formado por três textos de apresentação das entrevistas da Revista *Veja*, selecionados a partir do gênero das entrevistadas, cujos títulos apresentam os seguintes enunciados: “*Eu me trai*”, (Jane Fonda), *A rainha do Varejo* ( empresária Luiza Helena Trajano), *O Véu é um inferno* ( composição textual da entrevistada, Azar Nafisi).

Em Charaudeau (1992), verifica-se que toda situação de comunicação, que se define como contrato, assina uma finalidade para o texto. O modo discursivo utiliza as categorias da língua para construir, consciente ou não, certos efeitos de sentido, orientando o texto para a eficácia da comunicação, ou para o equívoco que a língua pode instaurar. Ainda em Charaudeau (1992), o que se institui denominar por “tipos textuais” pode ser entendido como finalidades de encenação, instaurada por uma determinada cena comunicativa e organizados através da orientação discursiva descritiva.

Na perspectiva em questão, existe uma relação de continuidade entre língua e texto e que permite determinar um certo modo de organização discursiva, como por exemplo, o descritivo (CHARAUDEAU, 1992). A partir deste âmbito de conceituação do modo de organização descritivo, podemos afirmar que o mesmo é parte de procedimentos discursivos e contribui, a sua maneira, para que a representação produza efeitos de “verdade”. Nosso percurso de análise optará por verificar esses procedimentos e as suas implicações discursivas e identitárias, ambos utilizados pelo sujeito-descritor, na construção discursiva do perfil das entrevistadas, tendo em vista a perspectiva desse mesmo sujeito-descritor. Também nos deteremos nas formas de representação subjetiva dos perfis em questão, acionados através do recorte subjetivo e do olhar ideológico e socialmente demarcados, como também pelo lugar que o sujeito descritor ocupa. Tal posicionamento ideológico torna-se evidente pelos vários procedimentos discursivos adotados que, como veremos em Charaudeau (1992), possui formas de organização textuais específicas para ser testemunha do olhar do sujeito.

Por fim, à guisa de algumas conclusões, nosso trabalho tentará viabilizar uma análise em cuja trajetória possam ser observada a representação a partir da apresentação dos perfis das entrevistadas, pelo modo descritivo, através das duas categorias, propostas por Charaudeau (1992), explicitadas acima: o ato de nomear e qualificar. Além disso, propomos

uma análise dos efeitos de sentido produzidos na interlocução pelo sujeito descritor, na construção do perfil dos entrevistados, dos textos de apresentação.

### **1. CONFIGURAÇÃO DESCRITIVA DOS TEXTOS INTRODUTÓRIOS DAS “PÁGINAS AMARELAS DA REVISTA VEJA”**

Nosso corpus é formado por três textos introdutórios, concernentes à apresentação do perfil de três mulheres, publicados em 2004 e 2005, em meses distintos. De uma certa maneira, a apresentação dos entrevistados orienta e conduz a leitura do sujeito-descritor, ao instaurar lugares e representações sociais aos entrevistados, e ao remeter, inevitavelmente, o sujeito discursivo (sujeito descritor) a um lugar ideológico específico. Segundo a perspectiva do modo de organização descritivo, proposto por Charaudeau (1992), descrever e argumentar são atividades dependentes entre si que, de uma parte à outra, requerem um número de operações lógicas e que contribuem para a eficácia comunicativa:

Cependant décrire et argumenter son des activités étroitement liées dans la mesure où d'une part la première emprunt à la seconde un certain nombre d'opérations logiques pour classer les êtres (par exemple en synonymes et antonymes voir 36 et 37) et d'autre part la seconde propose d'êtres qui ont une certaine identité et qualifications l'argument n'est pas le même selon que l'on dit (CHARAUDEAU, op.cit p. 659)

Com a manchete “O véu é um inferno”, o primeiro texto que antecede a entrevistada, Azar Nafisi, e tem como lead: A autora do best seller *Lendo Lolita em Teerã* fala do terror imposto às mulheres pelo fanatismo dos aiatolás (Revista Veja, novembro de 2005). O texto de apresentação será um esforço para representar a entrevistada, a partir dos valores socialmente compartilhados, no mundo pós-moderno. Trata-se de representar o perfil de uma mulher do século XXI que, embora de procedência islâmica, absorveu, através de uma “socialização”, comportamentos e valores ocidentais. Ora, a entrevistada é alguém que, supostamente, autorizada a tratar da polêmica “violência cultural” imposta às mulheres do oriente e do mundo islâmico, possui padrões e comportamentos identitários ocidentais. O texto configura a identidade de uma mulher, intelectual, autora de best seller, professora universitária, enfim, uma identidade construída a partir dos valores neo-liberais e capitalistas da modernidade

tardia. Possui, nesse sentido, todos os requisitos essenciais para acionar no sujeito leitor, um certo tipo de identificação projeção.<sup>1</sup>

De acordo com Charaudeau (1992), ao descrever, através da qualificação e da nomeação, o sujeito discursivo descritor tenta configurar uma identidade, inerentemente comprometida com a dimensão argumentativa, à entrevistada. Ela é fruto de uma visão de mundo, anteriormente estabelecida pelo lugar ideológico que esse mesmo sujeito descritor ocupa. Tal identidade só pode ser constituída pelos aspectos do descritivo.

A confluência entre o argumentativo e o descritivo, inerente a toda configuração descritiva, também pode ser observada, na construção do perfil dos demais textos, pelo viés do descritivo. O segundo texto, que possui como título o enunciado - “A rainha do varejo-”, apresenta a entrevistada, de forma a acionar o imaginário popular e construir representações da “mulher contemporânea”. O texto conjuga características concernentes aos estereótipos de *mulher moderna* e ao, mesmo tempo, aos *topoi* que representam os paradigmas da posição social que a mulher ocupava, em relação aos valores sociais do passado, concomitantemente, aos valores que adquirira:

Que ninguém se engane com o sotaque interiorano, os modos afáveis de comadre, o jeito simples de falar sobre assuntos complexos. Luiza Helena Trajano, herdeira e comandante da rede que começou modestamente como Magazine Luiza (...) (Revista Veja, A rainha do Varejo, janeiro de 2006).

Pelo modo de organização descritivo, e através de suas categorias (ato de qualificar e nomear), o enunciado aciona identidades sociais, reunindo características arquetípicas, ao mesmo tempo em que reproduz um espaço simbólico (substituindo o ser em questão), e interpretativo, no que tange à significação ( JODELET, 2001). Diferentes abordagens recortam diferentemente o objeto, ou o ser, construindo-os de maneira informacional, cognitiva ou ideológica.

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Subirats ao se referir ao sistema de identificação que o espetáculo cultural pós moderno produzem em *A cultura como espetáculo* .

Da mesma forma, os aspectos descritivos orientam, argumentativamente o texto e acabam por elaborar uma representação que acione velhos e novos valores imbuídos na representação mental dos interlocutores: *sotaque interiorano, modos afáveis de comadre, jeito simples, assuntos complexos, herdeira e comandante.*

O terceiro texto analisado configura, pelo descritivo, a representação para o perfil de *Jane Fonda*. O texto cujo título, em forma de discurso direto, o enuncia “*Eu me trai*”, e como *lead* explicitado, através do discurso indireto, a “voz” da entrevistada:

(...) a atriz diz que sua missão é imunizar as jovens contra a doença de querer agradar. (VEJA, abril de 2006 p21)

Como podemos perceber, pela estrutura do texto introdutório, a construção do perfil de *Jane Fonda* imbrica aspectos narrativos e descritivos. Ora, se a situação de comunicação, como propõe (Charaudeau 2006) se define em termos de contrato, como já fora explicitado acima, podemos inferir que, ao marcar o texto com a possível origem da entrevistada e sua atual situação: *Da tímida filha de Henry Fonda(...) à mulher segura de hoje que decidiu fazer do terceiro ato de sua vida o mais relevante*(VEJA, abril de 2005), o texto já apresenta a sua finalidade de encenação. Ou ainda, o descritivo e o narrativo serão conjugados para que a argumentação seja a própria finalidade da situação comunicativa, na representação da mulher, com estatus de celebridade, mas com uma trajetória de vida que pode ser comum às demais mulheres; no sentido que se manifesta como um esforço do sujeito descritor ao sujeito leitor em construir, ou reforçar, uma imagem prévia da entrevistada, com base na ativação dos valores, discursivamente compartilhados.

## **2. A CONFIGURAÇÃO DESCRITIVA DOS TEXTOS INTRODUTÓRIOS DAS “PÁGINAS AMARELAS” DA REVISTA VEJA: O ATO DE NOMEAR**

Para Charaudeau (1992) o ato de nomear é uma forma de dar existência ao outro (aquilo que se atribui às classes semânticas) através da dupla operação: perceber uma diferença em relação ao “*continuum do universo*” e, ao mesmo tempo, reportar essa diferença a uma semelhança que se constitui em um princípio de classificação, criando hierarquias e grupos de pertencimento. Ao nomear, classificamos o mundo, configuramos identidades que

se reportam às classes e sub-classes, inserimos os objetos e os seres em uma ordem. Através de listas, taxinomias, inventários e classes, o sujeito discursivo descritor cria uma possibilidade de estabelecimento do signo como aspecto simbólico da luta entre as classes, entre as disputas sociais, políticas, enfim, ideológicas, conforme nos aponta Bakhtin (1995, p.36):

Mas esse aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Na realidade toda palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

O ato de nomear se constitui como o lugar de instituição do signo, o sujeito que nomeia institui o signo no palco da luta cultural e ideológica entre as classes. No momento em que opera a diferença, em relação ao *continuum do universo*, o sujeito descritor demarca um lugar para si e para o ser descrito, lugar ideológico onde se instauram as lutas pela significação e interpretação (luta simbólica dos signos). Quando classifica, o sujeito descritor instaura e remete o ser descrito em uma instância ideológica de hierarquização, consenso, ou de margem e esquecimento.

O ato de nomear, no modo de organização descritivo, como o signo em Bakhtin (1995), é arbitrário até certo ponto, se considerarmos o caráter relevante na luta entre as classes que se dá pela palavra, *signo ideológico por excelência*. Por isso, o ato de nomear de acordo com (. Charaudeau, 1992) consiste em simbolizar, dar significação e existência, a partir de uma visão de mundo reconhecida pelo sujeito descritor:

Il faut préciser cependant que le sujet est surdéterminé par les caractéristiques culturelles du groupe social (ou civilisationnel) auquel il appartient. (...) Décrire consiste donc à identifier des êtres du monde dont on peut vérifier l'existence par consensus (c'est-à-dire, selon des codes sociaux). Cependant, cette identification est limitée, voire contrainte, par la finalité des situations de communication dans laquelle elle s'inscrit, et relativée, voire rendue subjective, par la décision du sujet décrivant. (CHARAUDEAU, 1992)

É aqui que pretendemos estabelecer uma interseção entre as categorias de análise do modo de organização descritivo de Charaudeau e o conceito de identidade social teorizados por HALL (2003). Consideramos ser relevante um diálogo entre os dois âmbitos teóricos em função de nossa hipótese: a composição do perfil dos entrevistados remete às identidades sociais pela estratégia discursiva da descrição. Ora, se descrever consiste em transitar entre o mesmo e o diferente (regularidade/ dispersão), através da visão relativizada do sujeito descritor, devemos considerar a constituição social e culturalmente híbrida dos sujeitos descritos nesses textos.

Em Hall (2003) temos que a constituição das subjetividades na modernidade tardia aborda o jogo da *difference por* ser intrinsecamente hibridizada. A identidade não se fixa em nenhum ponto estável, mas antes, permanece instável, e se estabelece, entre os “*lugares de passagem*”, nos cruzamentos que se dão entre as margens culturais (raças, etnias, religiosidades de grupo sociais considerados marginais por situações históricas específicas) e o centro (eurocentrismo que ainda está vivo no discurso da mídia e na cultura de massa, por exemplo).

Mas as intervenções das margens nunca consolidam uma forma final na constituição dessas identidades, devido à diversidade cultural. Considerando que a identidade pode ser representada, discursivamente, a multiplicidade que envolve o jogo de sua constituição remete a um sentimento de não pertencimento a nenhum sistema político-cultural. Esvaem-se os conceitos de unidade essencial que carregam o sentimento de pertencimento a um grupo ou a uma comunidade imaginada. Devemos pensar os sujeitos inscritos em relações de poder (e cultural) construídas pela diferença e desjuntura e não apenas com identificação a comunidades e grupos estáveis.

Consideraremos, conforme Hall (2005), que a presunção de uma identidade cultural fixada no nascimento - impondo sistemas fixos de pertencimento e inserção a determinadas comunidades imaginadas - é *des-construída* pelos novos sistemas representacionais: nações constituídas de vários povos, invasões, apropriações, miscigenações entre os povos, mídia e seus sistemas transversais de reprodução de modelos e sua forma dispersa de constituição do Outro. As identidades culturais são construídas a partir do estabelecimento do Outro pela

diferença. Essa diferença, no entanto, não pode ser vista sob o binarismo excludente dos pares de oposição convencionais, tais como, o dentro e o fora entre o Eu (sujeito da linguagem) e Outro (sujeito descrito). Na representação de tais subjetividades a encenação comunicativa é produzida pelas duas instâncias interlocutivas. O sujeito discursivo descritor do texto de apresentação se dirige ao sujeito leitor para descrever o *Outro*. Podemos deduzir que a representação do “Outro” se faz através desses deslocamentos, considerando a re-produção de uma identidade que se estabelece por uma diferença *que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também “places de passage” e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo e sem fim* (HALL, 2003 p. 33).

No caso em questão, a diferença é crucial ao entendimento das subjetividades e aos significados reproduzidos pela encenação comunicativa. Em relação aos efeitos de sentido, podemos afirmar que eles não podem ser analisados estaticamente, uma vez que sempre haverá o trânsito em deslize, entre as categorias que passam de fixas a mutantes na reprodução dos efeitos discursivos.

Como fenômeno cultural, a identidade híbrida é fruto da globalização, mas uma globalização que considera que os sistemas políticos, econômicos *transnacionais* têm seus centros culturais em todo lugar e em lugar nenhum. A cultura passa a ser o produto dessa “totalidade em aberto” que nunca se fecha em apenas um sistema de representação, ao mesmo tempo em que transita na re-configuração do mesmo e do Outro:

Em suas formas atuais, desasossegadas e enfáticas, a globalização vem ativamente desenredando e subvertendo cada vez mais seus próprios modelos culturais herdados essencializantes e homogenizantes, desfazendo os limites e, nesse processo, elucidando as trevas do próprio iluminismo Ocidental. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis estão naufragando no rochedo de uma diferenciação que prolifera. (HALL, 2003 p. 37)

Como nos mostra Hall, a condição híbrida de nossas subjetividades se define pelo que ela nos transforma, em um constante movimento, num jogo ininterrupto, pontuado por relações “*laterais*” de poder. O jogo e essas interfaces discursivas realçam a cultura da globalização, definida por uma cadeia de significados e de conceitos nunca estáveis,

disseminados pela diferença: *o que é deixado de lado pelo fluxo panorâmico, mas retorna para perturbar e transformar seus estabelecimentos culturais* (HALL, 2003, p, 61).

Interessante notar que o fundamento maior da globalização é justamente a homogeneização dos valores culturais, através da dissolução de fronteiras e da universalização dos pressupostos neoliberais capitalistas. Mas aqui, a globalização está sempre acompanhada do *exterior constitutivo* daquilo que ela recalçou e agora volta para perturbar o todo, o seu centro de representação: “Somente nesse contexto se pode compreender por que aquilo que ameaça se torna o momento de fechamento global do ocidente- apoteose de sua missão universalizante se constitui ao mesmo tempo o momento do descentramento incerto, lento e prolongado do ocidente” ( HALL, 2003 p. 62).

Como efeito da globalização, as identidades culturais no capitalismo tardio se constituem por um hibridismo que não se enreda nas paredes do mesmo, da semelhança e da tradição. Estas se desestruturam através do que fora produzido à margem dos sistemas de legitimação. Elas se compõem daquilo que contamina o centro cultural, deixando de possuir uma configuração estável para se transformar em uma novidade de intervenções, do centro para as margens e destas para o centro, sem que haja interrupção nesse fluxo de informações culturais. O que escapa, ou foge ao controle do sistema político cultural global, é o fato inesperado da emergência do “novo” e do disperso, como condição inerente para constituição (ou representação) da subjetividade.

O autor demarca que as características que sobredeterminam o grupo social, ao qual pertence o sujeito discursivo descritor, demarca a forma como o mesmo sujeito descritor configurará uma identidade, na descrição. A nomeação é uma forma de dar existência ao mundo, através do lingüístico, pelo descritivo, operando o consenso ou a luta que se dá na significação e nos lugares ideológicos. Ela também situa o lugar ideológico do signo ( numa perspectiva marxista entenddo como palco para a luta entre as classes) e, ao mesmo tempo, remete o signo ao lugar das instâncias concernentes às características culturais ou da civilização a que ele faz parte.

Podemos dizer, conforme a abordagem de Charaudeau (1992), que o procedimento discursivo utilizado pelo ato de nomear, suscita a identificação. Segundo ele, identificar consiste em construir significação e existência aos seres pelo processo da nominalização. Ou seja, faz representar um referente material, ou não, ou um ser em questão, incluindo-os a uma classe de pertencimento, individualizando-os ou atribuindo ao mesmo, um grupo ou subgrupo, através da dupla operação. Esses procedimentos oferecem ao objeto, ou ao ser descrito, uma identificação genérica ou específica: “ ces êtres peuvent représenter un référent matériel (table) ou non matériel (liberté) et ils sont nommés par des noms communs qui les individualisent et les incluent en même temps dans une classe d’appartenance (identification générique).” (CHARAUDEAU, 1992 p.666)

Nesse sentido é que podemos dizer que nos textos analisados, podemos verificar a construção das identidades, pelo modo de organização descritivo, através do ato de nomear, que operacionaliza procedimentos a fim de construir uma identidade para as entrevistadas. Ao escolher determinadas nominalizações, e não outras, o sujeito descritor ativa a diferença em relação ao *continuum* do *universo* e à semelhança, em relação ao grupo ou sub-grupo ao qual, supostamente, as entrevistadas pertence. Ao mesmo tempo, as nominalizações atribuem uma identidade específica ou genérica para as mesmas, incluindo-as em classes e sub-classes de pertencimento.

Concernente à segunda parte da *dupla operação*, que opera a diferença, em relação ao *continuum do universo*, poder-nos-ia dizer que este aspecto é verificado, através da descrição detalhada, na composição dos três perfis, entrecruzada por aspectos narrativos, por vezes, e argumentativos, por outras. Nos termos selecionados, percebemos que a situação comunicacional, que instaura um procedimento descritivo, ao organizar o texto através do ato de nomear, pretende demarcar um universo específico, para a composição da identidade dos três perfis selecionados.

No primeiro texto, o sujeito-descritor apresenta a entrevistada com nominalizações tais como:

1(a)-autora do best seller Lendo Lolita em Teerã, 2(a)-Professora 3(a) Universidade de Hopkins 4(a) Livro “Lendo Lolita em Teerã” 5(a)mulheres

do irã 6(a) retrato 7(a) Regime Islâmico 8(a) atmosfera do terror estupro  
9 (a) O Véu é um inferno.(Veja, abril de 2005).Os termos 1(a), 2(a), 3(a).

Tais designações instauram a diferença em relação ao restante das possíveis identidades de mulheres, atribuindo à entrevistada, *Azar Nafisi*, nomeações que a diferencie e a especifique em relação ao *continuum do universo*. Ao ativar a diferença da entrevistada, através da delimitação do campo-semântico ao qual se pode atribuir uma identidade a ela, o sujeito descritor do texto permite, ao mesmo tempo, que o sujeito leitor se identifique-projete com a entrevistada, já que o texto configura uma imagem de mulher, intelectual, autora de um best seller, professora universitária, de origem islâmica, mas detentora de uma cidadania ocidental, em um país legitimado economicamente. Ou seja, a diferença se opera em relação ao estereótipo de “mulher islâmica oriental” e ao restante de mulheres, orientais ou não, que não possuem características que a definem como modernas, independentes, fortes, etc. Assim, a imagem de alguém, ideologicamente autorizada a tratar do assunto, atinge o valor de *identificação-projeção*, direcionando toda a composição do perfil da entrevistada.

Ainda em Charaudeau (op.cit), tal diferença relaciona-se a uma semelhança, espécie de característica interna que o ser descrito possui, em relação aos outros seres ou objetos pertencentes ao grupo ou ao sub-grupo. Em relação às semelhanças internas, na descrição das entrevistadas, os termos 5(a), 6(a) e 7(a), além de especificar a diferença em relação ao *continuum do universo*, opera, com êxito, a semelhança ao qual as nominalizações vão reportar a entrevistada ao grupo das mulheres islâmicas, com valores ideológicos ocidentais. A semelhança interna se dá em relação às *mulheres islâmicas* ou não, que assim como a entrevistada, sofrem as conseqüências do *regime islâmico*, denominado, sob a forma de citação direta como; a *atmosfera do terror* mas que conjuga valores modernos e contemporâneos.

No texto I, as nominalizações selecionadas assumem um papel relevante na constituição e na construção de uma identidade, que conforme vimos em Charaudeau (op.cit), através do modo de organização descritivo, reporta à construção de um mundo, e fá-lo existir, através do ato de nomear. O procedimento descrito acima faz com que o sujeito descritor diferencie e caracterize a entrevistada de forma a mostrar e reconhecer suas especificidades (diferença) e suas similitudes (semelhança) em relação ao universo discursivo.

No segundo texto, selecionamos as seguintes nominalizações: 1(b) *A rainha do Varejo*, 2(b) *sotaque interiorano*, 3(b) *modos afáveis de comadre*, 4(b) *o jeito simples de falar*, 5(b) *herdeira e comandante*, 6(b) *palestrante* (7b) *empresária de pouco mais de 1.50*. 8(b) *alma de vendedora*. (Veja, janeiro de 2005). Neste texto de apresentação, como nos outros, o perfil da entrevistada será construído a partir das nominalizações que o sujeito-descritor atribui ao ser (être), ou ao Outro em questão. Ao nominalizar a entrevistada com determinadas especificidades (cf. CHARAUDEAU, 1992), remetendo-a a uma diferença em relação ao *continuum do universo* e, ao mesmo tempo, atribuindo-lhe um grupo ou subgrupo ao qual supostamente ela pertence, o sujeito descritor faz evidenciar um mundo que precisa ser reconhecido. Como vimos, o mundo mostrado pelo sujeito descritor é fruto da subjetividade do mesmo, já que corresponde a um recorte, testemunha do olhar desse mesmo sujeito. Dessa forma, o texto II constrói, com nominalizações específicas, uma representação da entrevistada ou do ser (êtres). Ao mesmo tempo, essa representação se configura como específica e geral, pois ativa, com sucesso, uma forma de aproximação, pelo viés da identificação-projeção, entre a entrevistada-descrita e o sujeito-leitor. E, finalmente, aproxima o texto ao interesse do sujeito-leitor, motivando a leitura e argumentando de maneira descritiva, as especificidades da entrevistada que a torna digna de ser entrevistada .

Em 1(b), com a nominalização *Rainha do Varejo*, o sujeito descritor aponta a descrição que se seguirá. A diferença em relação ao continuum do universo é ativada, já que delimita o universo, em que a entrevistada em questão está circunscrita: trata-se de alguém que possui características e atributos justificáveis para que possa ser descrito. Em 2(b), 3(b), (4b) temos a ativação da “*suposta*” diferença em relação ao *continuum do universo*. Ora, o ser em questão pode parecer alguém *simples*, com *jeito de comadre*, que possui *sotaque interiorano*. Neste sentido a diferença e, ao mesmo tempo, a semelhança se efetiva em forma de uma suposta identificação, com o estereótipo de mulher não-moderna, simples e subserviente. Mesmo que o sujeito descritor previna o leitor, no princípio do enunciado, com a seguinte advertência (...) *que ninguém se engane*, a diferença e a semelhança de que trata Charaudeau (op.cit) só se opera, com eficácia, em 4(c). A conjugação das nominalizações, concernentes ao subconjunto do estereótipo de mulher não-moderna se dá em conformidade com o estereótipo de mulher moderna: mulher simples, com sotaque interiorano e os modos afáveis de comadre, casada, dois filhos, mas também, herdeira e comandante de uma das redes de varejo que mais cresce

no Brasil, e ainda, que descobriu uma vocação tardia de *palestrante, dois diplomas universitários(direito e administração)*.

O sujeito descritor opera, com êxito, a identificação final: *jeito simples, modos afáveis de comadre* se conjugam com a nominalização *herdeira e comandante*. O ato de nomear é ativado para que o ser descrito possa trazer as características culturais legitimadas do grupo social, ao qual pertence, através da ativação da semelhança, diferenciando o ser descrito em relação ao todo do universo. Ou seja, trata-se de uma mulher que, mesmo possuindo *jeito simples, modos afáveis de comadre, é herdeira e comandante* de uma das maiores redes de varejo brasileira. Tais características já seriam suficientes para apresentar uma justificativa, ou uma argumentação discursiva da importância de se entrevistar *Maria Luíza Trajano*.

Assim, a confluência entre o argumentativo e o descritivo opera o consenso, através do ato de nomear, quando evidencia a semelhança interna do sub-grupo, ao qual pertence *Heloisa Trajano* (a mulher simples, com modos de comadre, casada, dois filhos, ao mesmo tempo empresária, palestrante, dois diplomas universitários), diferenciando-a ao mesmo tempo do *continuum do universo*.

Através do recorte subjetivo do mundo, o sujeito descritor continua a apontar os argumentos para mostrar a importância de se entrevistar alguém com tais características. Em 7(b) a nominalização continua a produzir efeitos de sentido de forma a surpreender o leitor. Além de ser nominalizada como *herdeira e comandante*, temos que a entrevistada é descrita como *palestrante*, reforçando a identidade de líder, bem como o caráter peculiar de seus atributos legitimados sócio-economicamente.

Como vimos, em Charaudeau (1992), a identificação é construída discursivamente para que a finalidade da situação comunicativa cumpra seu propósito. E ainda, a escolha das nominalizações passa a ser relativa e dependente da visão de mundo do sujeito descritor e que, supostamente, podem ser partilhados pelo sujeito-leitor. Tais escolhas devem ser pertinentes aos valores do sujeito descritor e sujeito leitor, orientando a apresentação da entrevistada. No terceiro texto, nos deparamos com as seguintes designações:

1(c) Da tímida filha de Henry Fonda 2(c) mulher segura de hoje, 3(c) um sem-número de encarnações, 4(c) ícone sexy de Barbarella, 5(c)ativista , 6(c) esposa calada 7(c) suas espinhosas relações familiares 8(c) rainha americana do fitness. E no olho: 9(c)As mulheres, 10 (c) populares e amadas .(RevistaVeja Janeiro, 2005)

Nesse texto de apresentação, observamos que a descrição, em relação ato de nomear, se dá de forma a preservar a identidade “vedetizada” que o ser descrito possui. Nesse caso, a ideologia do *mostrar a qualquer preço*, incitando o sujeito leitor a olhar para o mundo do entrevistado se torna uma visada discursiva que poderia ser classificada *visada de incitação*.<sup>2</sup> O texto, mais que apresentar a entrevistada, caracterizando-a através da nomeação, tentará ativar um percurso, ou uma trajetória que possa ser conhecida do sujeito leitor. A constituição do texto combina os procedimentos discursivos (narrativos e descritivos). Esse procedimento - que combina o narrativo, o descritivo e o argumentativo- faz situar o mundo do ser descrito, como algo já conhecido pelo sujeito-leitor, mas que deve ser evidenciado, para remontar à identidade da entrevistada.

Ao utilizar certas operações lógicas na construção do perfil do entrevistado, o sujeito descritor busca reafirmar as características pertinentes à apresentação do ser descrito. O ato de nomear passa ser, nesse caso, um ato de referenciação que remete à trajetória de vida da entrevistada, cujos aspectos factuais ajudarão a compor um traço pertinente à identidade proposta pelo sujeito descritor. As nominalizações, pertencentes a esse percurso descritivo e narrativo, podem ser verificadas em: 1(c), 2 (c), 3 (c), 5(c), 6(c), 8(c). Percebemos que uma série de caracterizações relacionadas à vida artística (pública) e particular (íntima) da entrevistada é acionado pelo ato de nomear.

A constituição das identidades, segundo (cf. Hall, 2003), na modernidade tardia, é fruto da construção híbrida e diaspórica que o sujeito pós-moderno possui. Em Hall (op.cit), esse sujeito está sendo “fragmentado” e as identidades, antes fixas, estão se tornando “descentradas”. *As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas* (Hall, 2005 p.24).

---

<sup>2</sup> Segundo Charaudeau (2004), a visada de incitação corresponde ao querer mandar fazer, finalidade do sujeito enunciador, que não estando em posição de autoridade, só pode incitar a fazer. Dessa forma ele só faz acreditar ao tu que será o beneficiário do próprio ato.persuasão ou sedução.

No estabelecimento da identidade, pela descrição do perfil das entrevistadas, podemos perceber que, através do ato de nomear, a hibridez que se opera em termos de identidade pode ser verificado pelas designações que selecionamos: *tímida filha de Henry Fonda*, por exemplo, marca o início da descrição que oscila entre caracterizar e fazer existir um mundo público e íntimo da entrevistada, atribuindo uma identidade híbrida e deslizante ao ser em questão.

A outra nominalização que se segue, *mulher segura de hoje*, mostra um universo evidenciado pelo sujeito descritor, as características pessoais a entrevistada *Jane Fonda* (relativas ao mundo íntimo da mesma e, supostamente, pouco conhecido do sujeito leitor). O ato de nomear é proporcionado através da *dupla operação*, como já nos fora permitido observar nos textos anteriores: a diferença se opera em relação ao status de “mulher celebridade” e, ao mesmo tempo, atribuindo a ela uma identificação concernente a uma sub-classe, dando-lhe uma identificação genérica, justificada pelas inúmeras nominalizações. Pois, além de *filha de Henry Fonda*, como nos aponta o sujeito descritor, *Jane Fonda* foi um *sem-número de encarnações*. Através da nomeação “encarnações” e das nomeações posteriores, o texto pontua, de maneira híbrida, a semelhança (em relação às supostas leitoras que se identificam-projetam com a vida íntima da atriz) e a diferença que parte da construção do perfil de *Jane Fonda*, de forma a torná-la especial, digna de ser vista, em relação ao *continuum do universo*, ou ao restante dos seres, justificando assim fato de a revista entrevistá-la.

A nominalização “encarnações” marca toda a trajetória dos fatos que pautaram a vida pessoal da entrevistada, pelo olhar do sujeito descritor que se reporta ao ato de nomear, para construir a identidade *privada-pública* que a entrevistada possui, segundo a perspectiva do sujeito descritor. Assim, *ser ícone sex*, *Hanói Jane*, *rainha americana do fitness*, *esposa calada*, *separada há quatro anos* são algumas das nominalizações que preconizam o olhar do sujeito descritor em relação à identificação do ser descrito, ou melhor, da entrevistada. O sujeito descritor constrói uma representação do ser em questão, levando em conta suas especificidades enquanto “celebridade” e, ao mesmo tempo, suscitando processos de *identificação-projeção* no sujeito leitor, ao selecionar nominalizações tais como: *separada há quatro anos*, *mulher segura de hoje*, *ativista sem meias palavras*, no processo de ativação da semelhança.

### 3. A CONFIGURAÇÃO DESCRITIVA NOS TEXTOS INTRODUTÓRIOS “NAS PÁGINAS AMARELAS DA REVISTA VEJA”: O ATO DE QUALIFICAR

Também em Charaudeau (op.cit), a qualificação é testemunha do olhar que o sujeito falante possui sobre os seres do mundo, correspondente ao desejo de fazer com que o mundo exista, a partir da perspectiva desse sujeito descritor. Nesse âmbito, podemos afirmar que toda qualificação singulariza, especifica o ser descrito, ou o objeto de uma forma particular, a partir da visão sobre os seres e dos objetos que passam pela racionalidade. Como nos aponta a arbitrariedade do signo (conforme Bakhtin 1995) ou a subjetividade (de acordo com Benveniste 2001), inerente a toda linguagem, a qualificação perpassa os sentidos e os sentimentos.

Com efeito, o ato de qualificar é também uma operação lógica que explicita, discursivamente, as práticas compartilhadas que o sujeito descritor detém, uma vez que faz parte da coletividade (CHARAUDEAU, 1992). Exercitar as normas coletivas é também regular as práticas entre os seres e suas qualidades. Ao explicitar as qualidades que concernem a uma visão, fruto dos sentidos individuais, mas também coletivo, o sujeito descritor evoca um mundo que pode ser compartilhado, entre os sujeitos envolvidos no ato comunicacional. Consideramos assim como Charaudeau (1992) que qualificar é um ato que depende de um contexto cultural, mas também denota uma individualidade inerente ao sujeito descritor: “Qualifier est donc une activité qui permet sujet parlant de témoigner de son imaginaire, individuel e ou collectif. Imaginaire de la construction et de l’appropriation du monde (d’autre diront “predation”) dans un jeu de conflits entre les visions normatives par les consensus sociaux et les visions populaires au sujet.”(CHARAUDEAU, 1992 p.665)

O ato de qualificar se constitui como um procedimento discursivo operacionalizado para dar uma caracterização ao ser descrito, atribuindo uma especificidade a esse ser. Tal caracterização - que especifica o ser descrito - é uma atividade que o sujeito-descritor disponibiliza e que revela a construção imaginária dos sujeitos envolvidos na atividade comunicacional, bem como o conflito presente na descrição, entre normas que regulam as práticas sociais e a visão própria dos sujeitos interlocutores. Com efeito, toda qualificação é testemunha do olhar que o sujeito falante tem sobre os seres e o mundo; ou seja, é

testemunha de sua subjetividade, ao mesmo tempo em que esse sujeito adquire o olhar e os valores, através da coletividade.

Enfim, o ato de qualificar, como procedimento discursivo de descrição, em Charaudeau (op.cit), é um procedimento utilizado para a representação imaginária dos objetos, ou os seres, como os são os atos de nomear e localizar-situar: “En conclusion, on diré que lê descriptif sert essentiellemnt à construire ine image intemporelle du monde. Em effect, dans lê Meme instant que lê s êtres du mond se trouven nomes, localisés et qualifiés ils se trouvent comme *fixes sur une pellicule à tout Jamais*” (CHARAUDEAU, 1992, p. 665).

As qualificações são, nessa perspectiva, produto de uma construção subjetiva do mundo, que possui, ao mesmo tempo, um status de transparência, em relação à representação construída e o ser empírico descrito. Ela pode ser definida como uma forma de atribuir uma verdade, ou uma existência específica aos objetos e aos seres do mundo, que passam a depender da qualificação ou do olhar do sujeito descritor para serem representados na descrição.

Ora, a visão subjetiva, para descrever um ser, depende de uma organização sistemática do mundo, resultado de um ponto de vista ou de uma observação que o sujeito descritor possui e que, por sua vez, é compartilhado pelos membros de uma comunidade social. A qualificação passa a ser também, sob esta perspectiva, produto de um consenso entre os membros da comunidade que representará a realidade em si (ou a construção da realidade):

(...)En réalité, il ne s’agit ici de Verité du monde. Il’s agit d’un imaginaire social partagé qui représente ou construit lê mond selon ce qu’il croit être la verité et qui n’est qu’une illusion de verité, um fantôme de verité. Il es don préférable pour definir cette fónction, d’utilisier l’expression raisenblable realiste (CHARAUDEAU, 1992 P. 674).

Esses aspectos podem ser observados nos textos introdutórios já que, como poderemos verificar, o ato de qualificar acompanha as nominalizações, suscitando os procedimentos de descrição, tanto objetiva quanto subjetiva do mundo. No texto I, acompanhando as identificações, temos um procedimento descritivo peculiar ao modo de representação do mundo ou do sub-grupo ao qual a descrita pertence

(d) iraniana Azar Nafisi 2(d)promovida a celebridade das letras 3(d)retrato sensível 4(d) livro de 502 páginas,58 reais 5(d)mulheres no Irã submetidas ao fanatismo do regime islâmico (VEJA, julho de 2004 grifos nosso) .

As qualificações são, dessa forma, o resultado da conjugação do olhar do sujeito descritor que incide sobre o ser descrito. Devemos considerar que o sujeito descritor ocupa uma posição daquele que observa e descreve de um determinado lugar que, no caso do texto sob o qual incide a nossa análise, promove uma conjugação entre o recorte objetivo e ao mesmo tempo individual do mundo. Acompanhando a identificação (nome próprio) – Azar Nafisi – o adjetivo “iraniana” demarca um lugar específico para o ser descrito, reportando a mesma, ao sub-grupo ao qual ela pertence: grupo de mulheres islâmicas. Mas ao qualificar a entrevistada como: *celebridade das letras*, o sujeito descritor a inclui no sub-conjunto: *mulher pós-moderna , ocidental*.

Segundo Charaudeau (1992) os seres existem, independentemente da visão do sujeito descritor, mas a qualificação ajuda a construir, um universo que precisa ser reconhecido e mostrado. Ora, apresentar a entrevistada simplesmente como Azar Nafisi, muito se difere em apresentá-la como: *iraniana Azar Nafisi*. Por isso, a qualificação, além de reportar a entrevistada a um *sub-conjunto* ao qual ela pode pertencer, pretende mostrar a importância ou a peculiaridade da mesma, orientando, argumentativamente, a relevância da entrevistada.

A qualificação, através do adjetivo *iraniana*, bem como as outras qualificações, tais como: (...) *celebridade*, (...) *sensível*, (...) *chocante*, (...) *submetidas ao fanatismo do regime islâmico* constroem, discursivamente, uma observação do mundo do sujeito descritor. Essa construção subjetiva, através da qualificação, ativa os saberes, supostamente compartilhados entre o sujeito descritor e sujeito leitor, em relação ao mundo islâmico, ao fanatismo e que aciona, através dessas características, funções, qualidades, com julgamento de valores, fruto do consenso, construídos para formatar o “real”.

O consenso, especificado por tais adjetivos, delimitam as supostas características da cultura islâmica em relação às mulheres. Os julgamentos de valores construídos na representação de tal realidade estão imbuídos nas características, evidenciadas pelo sujeito descritor, que especifica e relativiza a entrevistada. Mais uma vez, trata-se de apresentar uma

mulher que, embora *iraniana*, fora *promovida a celebridade das letras*, autora do livro *Lendo Lolita em Teerã*, de 502 páginas, 58 reais. Em 5(d) temos que as expressões sublinhadas marcam, novamente, o conhecimento de mundo partilhado ou o consenso ocidental, em relação ao mundo islâmico, quando da qualificação: *mulheres submetidas ao fanatismo do regime islâmico*.

Se considerarmos o que Charaudeau (1992) declara, sobre o modo de organização descritivo, através do ato de qualificar, veremos que tal procedimento descritivo permite que o mundo seja ordenado, segundo os valores compartilhados socialmente pelo sujeitos interlocutores e a coletividade e pela sua observação pessoal do mundo. “ (...) Ici, le descriptif est considere comme un type d’operation qui permet d’ordonner le discours d’une certaine maniere dans laquelle ontrouve assi bien la definition de l’essence des êtres (ou des mots) que celle de leurs singularités.” (PORT ROYAL *apud* CHARAUDEAU, 1992 p. 674).

O sujeito descritor do texto introdutório, ao conjugar os valores ocidentais “*celebridade das letras*” juntamente com “*iraniana*”, “*fanatismo islâmico*”, “*estupro dissimulado*” constrói a sua visão de mundo, que precisa ser mostrada; já que é parte de um consenso maior que o sujeito descritor se apropriou e aciona também uma visão de mundo, pressupostamente conhecida do sujeito leitor. No caso específico, o mundo que precisa ser reconhecido e denunciado, através da descrição (pelo ato de qualificar), é o mundo oriental e islâmico, cujos aspectos culturais se diferem dos ocidentais. Abre-se um espaço para que as projeções e os sub-conjuntos, ao qual, supostamente, pertence a entrevistada possa remeter o sujeito leitor ao mesmo grupo da entrevistada.

Através desse procedimento de qualificar, observamos que a organização do mundo feita pelo sujeito descritor se faz de maneira descontínua e aberta às identificações do sujeito leitor. As qualificações desse texto evidenciam, ao mesmo tempo, a posição ideológica do sujeito descritor, ao demarcar a diferença em relação ao universo islâmico e ao delimitar e especificar um conjunto à Entrevistada através das peculiaridades mostradas através do ato de qualificar.

No texto II, é pertinente a observação dos seguintes qualificações:

1(e)sotaque interiorano 2(e) modos afáveis de comadre 3 (e) o jeito simples de falar , 5 (e) modestamente, 6(e) 100 por mês, 7(e) a empresária de pouco mais de 1.50 de altura 8 (e) rede de lojas populares 9(e) – 254lojas, sendo 44 virtuais e 5 milhões de clientes 10 (e)fenômeno \_ 11 (e)aplaudida de pé (12) casada com , 13(e) três filhos, dois diplomas universitários (VEJA, 20 de abril de 2005 grifo nosso).

Os termos, por nós marcados, revelam que o texto, em sua configuração descritiva, através do ato de qualificar, conjugado por vezes com as nominalizações, apresenta uma construção bastante peculiar na representação do ser descrito, ou da entrevistada. As qualificações referentes à entrevistada, em um primeiro momento, são feitas em forma de similitude (comparação), a fim de que uma determinada imagem prévia seja acionada pelo sujeito leitor. A imagem prévia que o sujeito leitor tenta acionar, primeiramente, é a do estereótipo de mulher “não-moderna”. Ainda que advertido o sujeito leitor, e como já fora mencionado, as qualificações reportam a entrevistada a essa suposta imagem.

As qualificações agem de forma a remeter essa imagem ao sub-conjunto ou ao estereótipo “mulher não moderna.”. Em um primeiro momento, as qualificações “interiorano”, “afáveis de comadre”, “jeito simples de falar” demarcam o lugar do sujeito descritor enunciador e do sujeito descrito do sujeito falante em relação ao consenso. Tal posição é mais claramente explicitada pelo enunciado precedente: *que ninguém se engane*. Ou seja, não se trata de alguém, como poderia supor o sujeito leitor, com tais características coletivamente rejeitadas. A escolha das qualificações que poderiam remeter a entrevistada ao sub-conjunto das mulheres sem “vocação” para os negócios, ou para exercer profissionalmente um cargo de liderança, passa a ser uma estratégia ou um conjunto de operações lógicas ativadas para que, mais adiante a imagem da “super mulher” ou a construção da identidade da “mulher contemporânea” seja ativada.

O sujeito leitor, como pressupõe o sujeito-descritor, poderia se enganar, ao se deparar com a imagem e características da entrevistada. Ora, na visão de mundo do sujeito descritor, a entrevistada é alguém com sotaque interiorano, que possui modos afáveis de comadre e jeito simples de falar. Ou seja, o estereótipo da mulher tradicional é acionado, pelo sujeito descritor, para que, mais adiante, ele seja desconstruído, substituindo-o pelo estereótipo da mulher moderna: aquela que conjuga os deveres sagrados do matrimônio, aliando-o aos deveres,

reconhecidos socialmente da mulher “líder”, carismática, empreendedora de sucesso, portadora de dois diplomas universitários, ainda que desempenhe papéis sociais relativos ao casamento e à maternidade.

Todas essas características podem ser evidenciadas pelas qualificações enumeradas em 7(e), 8(e), 9(e) 10 (e). As qualificações mencionadas, obviamente, excluem o ser descrito da representação, ou do estereótipo, criado pelas qualificações iniciais (*interiorano, afáveis de comadre, jeito simples de falar*). O sujeito descritor retira a entrevistada de um pertencimento ao sub-conjunto do estereótipo da mulher tradicional, e a transporta para o *sub-conjunto* do estereótipo da “mulher moderna, contemporânea”. Ou ainda, a mulher que conjuga valores tradicionais e modernos, imbrica funções sociais concernentes à profissão, ao casamento e à maternidade, através de qualificações, como: *empresária de pouco mais de 1.50, o número de lojas que sua rede compõe, o número de diplomas universitários (dois), dois filhos, etc.*

Podemos afirmar que, também no texto III, o descritivo opera, através do ato de qualificar, os procedimentos para que a representação, ou a composição do perfil da entrevistada, seja construída, de antemão, pelo sujeito descritor. As operações lógicas de que fala Charaudeau (op.cit), como o ato de qualificar, faz construir um mundo, de forma descontínua e aberta, pela visão do sujeito leitor. A conjugação dos valores, entre ambos os sujeitos envolvidos no ato de linguagem revela, ainda, a existência da capacidade inerente ao ato de qualificar, em reproduzir as representações imbuídas nos valores e no consenso, configurados para a realidade.

No terceiro texto, as qualificações continuam a desempenhar uma função relevante, ao construir uma visão de mundo, ou um olhar para o ser descrito, de forma a representá-lo de acordo com as crenças e valores sociais legitimados. A apresentação de *Henry Fonda* também é discursivamente organizada pelo descritivo, também do o ato de qualificar, para construir uma representação pertinente ao consenso, organizado através da confluência entre o descritivo e o argumentativo e o narrativo.

1(f) Da tímida filha de Henry Fonda, 2(f)mulher segura de hoje 3(f) casada 4(f) a quem ajudou a eleger deputado 5(f) a produtora de libelos 6(f) espinhosas relações familiares 7(f) a esposa calada do magnata das

comunicações 9(f) primeira, maior rainha americana do fitness 10 (f) separada há quatro anos 11(f) mais dedicada a organizações benemerentes 12(f) e ainda esplendidamente bela 13(f) 67 anos (VEJA, abril de 2005, grifo nosso)

As qualificações, como vimos, são construídas por duas faces: uma que corresponde ao olhar subjetivo e sua apropriação do mundo. A outra que se refere à apropriação de uma verdade sobre o mundo, parte de um imaginário simbólico que remete à construção de um universo semântico e discursivo, que existe de maneira simplificada ou fragmentada, concernente ao seu olhar objetivo. Portanto, as qualificações também podem servir à construção tanto objetiva, quanto subjetiva do mundo. Os textos analisados nos revelam que o sujeito descritor constrói um imaginário, como o resultado de sua intervenção pessoal, através da descrição das apresentadas. Mas, ao mesmo tempo, parece propor uma espécie de consenso, entre a sua visão de mundo e a visão do sujeito leitor. Dessa maneira, o sujeito descritor assegurará a eficácia comunicativa, ao construir uma representação dos seres, com o modo de organização descritivo, através de certas operações lógicas como o ato de qualificar. Ao mesmo tempo, as representações construídas através das descrições acionam um imaginário simbólico (CHARAUDEAU, 1992), através de uma cadeia pertencente a uma realidade imaginada, que é resultado desse imaginário simbólico: ou seja, a realidade imaginada da “mulher celebridade”.

É o que podemos observar no texto III, cujos atos de qualificações ou aspectos descritivos, acionam a realidade imaginada que é fruto da construção simbólica do mundo, tanto do sujeito descritor, quanto do sujeito-narrador. O sujeito descritor descreve-narra uma trajetória pontuada por qualificações, que insere a entrevistada ao *sub-conjunto do mundo das celebridades*. Tal trajetória é marcada por aspectos do mundo simbólico e, portanto, pela *realidade imaginada*, concernente ao mundo do sujeito leitor. Ao pontuar determinadas qualificações, por vezes acompanhadas das nominalizações, como as que marcamos em 1(f), 2(f), percebemos a imbricação de dois recortes ou de duas especificidades, que podem remeter a dois *sub-conjuntos* diferentes ou a duas *realidades imaginadas*, mas ambas, resultado do olhar subjetivo do sujeito descritor. Trata-se de apresentar a identidade da entrevista como “celebridade” através da locução adjetiva imbuída na identidade estereotipada da “mulher contemporânea”: *mulher segura de hoje*. As outras qualificações, por nós marcadas,

em 3(f), 4(f), 5(f), 6(f), 9(f), 10 (f), 11(f), por exemplo, delimitam todo o esforço do sujeito descritor para atribuir à entrevistada o pertencimento a uma ordem. Tal classificação hierárquica é resultado de uma construção simbólica, que acionará uma *identificação-projeção* no sujeito leitor, uma vez que tais qualificações recortam, subjetivamente, a representação da entrevistada, pertinentes a determinados consensos compartilhados, concernente ao papel social que a mulher exerce, pelos *topoi*: *casada, separada, 67 anos, esplendidamente bela, esposa calada etc.*

Esses *topoi* remetem o ser descrito ao sub-conjunto das demais mulheres ou ao sub-conjunto de toda mulher, produto da imbricação da identidade pública, mas também privada da entrevistada. Outras qualificações, como as que encontramos em 9(f), 12(f), especificam o ser descrito, remetendo a entrevistada ao sub-conjunto de mulher celebridade. O sujeito descritor apresenta a representação que agora remete a entrevistada ao universo, conforme as proposições de Charaudeau (op.cit), para uma classe ou um sub-conjunto de pertencimento, que justifica o fato de a revista a entrevistar. Com os adjetivos, *rainha, americana, esplendidamente bela, são* legitimados os dizeres que a entrevistada proferirá e que acionarão, por conseguinte, todo o imaginário simbólico do sujeito-leitor. O *lead* da entrevista já pontua, de forma peculiar, a conjugação de representações, cujos atos de qualificações nortearão a confluência entre o argumentativo e o descritivo, evidenciando, por esses procedimentos, as peculiaridades da entrevistada : (...) *a atriz diz que hoje sua missão é imunizar as jovens contra a doença de querer agradar.*

## OS MECANISMOS DESCRITIVOS E A CONFIGURAÇÃO DISCURSIVA DAS IDENTIDADES

Por fim, podemos afirmar que os aspectos observados nos três textos nos revelaram, primeiramente, que o modo de organização descritivo composto pelo ato de nomear e qualificar, como teoria e modelo de explicação do real é pertinente para analisar a estratégia de composição identitária dos perfis das entrevistadas. As “páginas amarelas da Revista Veja”, como os demais textos midiáticos, fazem parte de um circuito de produção e circulação, de um maior número de mensagens, que busca aproximar as duas instâncias interlocutivas (sujeito-descritor e sujeito-leitor).

Por isso, os textos que apresentam as entrevistadas, mais que descrever as mesmas, promovem um espaço discursivo que o sujeito descritor constrói a partir do evidenciamento da crença partilhada e do conhecimento de mundo. Sobre esse aspecto, a apresentação das entrevistadas, que fora analisado pelo viés do modo de organização do descritivo, proposto por Charaudeau (1992), se configura como uma estratégia para despertar ao sujeito leitor *motivação* e *convencimento* (LYSARDO-DIAS, 2006). Ou seja, a apresentação da entrevista, através da descrição da entrevistada, permite que operações lógicas (atos de nomear e qualificar) remetam à determinadas identidades, estruturadas segundo arquétipos e paradigmas coletivos.

Mais que isso, a construção do perfil, pela organização descritiva, nos revela que esses textos possuem orientação argumentativa, já que o objetivo é fazer com que a entrevista seja lida. E para que haja *convencimento* e *motivação*, na leitura da entrevista, a composição do perfil da entrevistada se torna um mecanismo persuasivo, destinado a motivar o consumo da entrevista que se segue ao texto de apresentação.

Com a análise, pela organização descritiva dos textos introdutórios das “páginas amarelas”, podemos considerar que a representação, a partir das características das entrevistadas, nas três apresentações, se faz pela amostragem de um mundo da entrevistada que precisa ser evidenciado. Esse mundo é concernente à perpetuação de certos valores, imbuídos na representação das identidades, que remetem a imagens e paradigmas fixos no consenso que a mídia (como meio e mediação da cultura e das ideologias) promove, através do acionamento de expressões cristalizadas (*topoi*) e pela circularidade de determinados estereótipos. Assim, a atividade discursiva promove esses “arquétipos de mídia” sob o status de identidade social, que se torna consolidado em forma de “esquema cristalizado” de domínio coletivo, mas de trânsito rápido entre os novos valores.

O mundo reconhecido e mostrado através do ato de nomear e qualificar, nos textos introdutórios, perpetua os *topoi* da identidade da “mulher contemporânea”, através de uma identificação entre os sujeitos interlocutores, instaurando um ponto de consenso entre os mesmos. A mulher que, através de alguns valores fixados em forma de identidades

padronizadas, alia comportamentos tradicionais, concomitante às novas funções que a mesma adquirira, com a modernidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da apresentação das entrevistadas, que se dá de maneira taxinômica, promovendo uma forma descontínua e aberta de reprodução de identidades, ressalta uma conjugação entre o “velho e o novo”, no que tange à produção de estereótipos e representação. Conforme Lysardo-Dias (2006 p.30) *os produtos midiáticos podem reforçar a organização social já vivenciada pelos indivíduos, ou podem propor uma alteração desse contexto. Logo a mídia pode favorecer a atualização das tradições quanto propor novas identidades e novos padrões de conduta.*

No caso dos textos que analisamos pudemos perceber que há imbricação entre valores tradicionais aliados à representação da mulher moderna, concernentes a novos padrões de conduta. A intersecção entre o “velho” e o “novo” permite conjugar, de forma descontínua e aberta, uma representação entre os valores perpetuados pela mídia, a fim de promover o acordo consensual entre os sujeitos interlocutores.

Os valores híbridos, concernentes ao universo de mulheres, com perfis sociais diferentes, através de identificações, podem ser observados em diversos momentos da descrição: *tímida filha de Henry Fonda, mulher segura de hoje, agora dedicada a organizações benemerentes* no texto I; *sotaque interiorano, modos afáveis de comadre, o jeito simples de falar, herdeira e comandante, palestrante, Rainha do Varejo, casada, dois filhos e dois diplomas universitários (direito e administração)* no texto II; *iraniana, Professora de Literatura inglesa na Universidade Hopkins, autora do best seller Lendo Lolita em Teerã, celebridade das letras, fanatismo do regime islâmico, situação das mulheres do Irã*, no texto III.

Por essas identificações, e em outras que se seguem na composição das entrevistadas, deparamo-nos com o trânsito entre os valores tradicionais e contemporâneos. Observamos, ainda, a inerência de uma regularidade composicional na descrição dessas mulheres, que se dá pelo viés do descritivo, uma vez que organiza o mundo das entrevistadas, de modo a construir

uma visão cristalizada ancorada nas identidades, afim de inseri-las em um universo de valores e estereótipos conhecidos entre os sujeitos interlocutores, espaço privilegiado para a configuração e reprodução das identidades.

Por fim, entendemos que o lugar do consenso, na forma de descrever, através do ato de nomear (identificações pertinentes ao universo partilhado entre o sujeito-descritor e o sujeito-leitor) e as qualificações (que é testemunha da subjetividade do olhar do sujeito) evidenciam a constituição do lugar de onde o texto é lido, além de organizar a *mise en scène*. O lugar da representação dos seres, no sistema de *identificação-projeção*, orienta a conduta da leitura que se seguirá na entrevista, mas também estimula e motiva a leitura da mesma, pela persuasão. Ao fazer tudo isso, por estratégias descritivas, e pela organização da *mise en scène*, os textos de apresentação inserem toda a produção discursiva no contexto cultural das crenças compartilhadas das quais o sujeito discursivo descritor se apropria.

Consideramos, pois, que a atividade discursiva desses textos, pelo modo de organização descritivo, configuram identidades sociais, através da ativação de estruturas familiares<sup>3</sup>, proporcionando significações e interpretações acessíveis a um grupo social ( ou ao grupo dos sujeito interlocutores) que as reconhecem e as legitimam, perpetuando os topoi, na circularidade que essas representações midiáticas mobilizam.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.

CHARAUDEAU, Patrick. Le mode mode d'organisation descriptif. In.: CHARAUDEAU, Patrick. *Les modes d'organisation du discours*. Paris. Hachette , 1992.

DUFAYS, Jean-Louis. *Stéréotypes et lecture*. Liège: Mardaga, 1994.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

---

<sup>3</sup> Conforme Dufays (1994)

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JODELET, Denise. *As representações sociais: um domínio em expansão*. In: JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LYSARDO-DIAS, Dylia. O discurso do estereótipo na mídia .In: EMEDIATO, Wander. MACHADO, Ida Lúcia. MENEZES, Willian. (orgs.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

REZENDE, Fernando. *Textuações: ficção e fato novo no jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo : Analbume/Fapesp, 2002.

SUBIRATS, Eduardo. A cultura como espetáculo . In: SUBIRATS, Eduardo. *A cultura como simulacro*. São Paulo: Nobel, 1989.

**Cristia Rodrigues MIRANDA**

Mestre em Discurso e Representação Social, Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG . Professora Adjunta I do Centro Universitário Newton Paiva e Professora Temporária do Cefet/MG.